O silêncio que escuta: a ética como espera do indizível

Wildicleia Lopes

Resumo

Esta escrita propõe uma reflexão ética sobre a escuta psicanalítica, tomando o silêncio não como ausência, mas como presença viva, tempo de espera e condição para o surgimento do indizível. Em um contexto atual marcado pela saturação da palavra e pela lógica da eficácia, a clínica psicanalítica sustenta o valor do intervalo entre o dito e o dizer, onde a verdade do sujeito pode emergir sem imposição. Sigmund Freud, pai da psicanálise, destacou desde o início de sua criação a exigência ética de que o analista tenha tido sua própria experiência analítica, condição para sustentar uma escuta. Jacques Lacan, o freudiano, segue enfatizando a ética do desejo, a queda do Outro e a centralidade da linguagem como via de acesso às formações do inconsciente, compreendendo a escuta como lugar de produção de verdade, e não de adaptação. Pensar o silêncio como ato ético, especialmente nos dias de hoje, é algo potencialmente subversivo, diante da mercantilização do sofrimento. Em articulação com a poesia, o texto aproxima a escuta psicanalítica à paciência de aguardar a palavra que ainda não sabe de si.

Palavras-chave:

Escuta psicanalítica; Silêncio; Ética do desejo.

The silence that listens: ethics as waiting for the unspeakable

Abstract

This paper proposes an ethical reflection on psychoanalytic listening, taking silence not as absence, but as a living presence, a time of waiting and a condition for the emergence of the unspeakable. In a current context marked by the saturation of words and the logic of efficiency, psychoanalytic practice upholds the value of the interval between what is said and saying, where the subject's truth can emerge without imposition. Sigmund Freud, the father of psychoanalysis, emphasized from the outset the ethical requirement that analysts must have undergone their own psychoanalysis as a prerequisite for being able to listen effectively. Jacques Lacan, the Freudian, continues to emphasize the ethics of desire, the fall of

the Other, and the centrality of language as a means of accessing the formations of the unconscious, understanding listening as a place of truth production, not adaptation. Thinking of silence as an ethical act and, today, potentially subversive in the face of the commodification of suffering. In conjunction with poetry, the text brings psychoanalytic listening closer to the patience of waiting for the word that does not yet know itself.

Keywords:
Psychoanalytic listening; Silence; Ethics of desire.

El silencio que escucha: la ética como espera de lo indecible

Resumen

Este artículo propone una reflexión ética sobre la escucha psicoanalítica, tomando el silencio no como ausencia, sino como presencia viva, tiempo de espera y condición para el surgimiento de lo indecible. En un contexto actual marcado por la saturación de la palabra y por la lógica de la eficacia, la clínica psicoanalítica sostiene el valor del intervalo entre lo dicho y el decir, donde la verdad del sujeto puede emerger sin imposición. Sigmund Freud, padre del psicoanálisis, destacó desde el inicio de su creación la exigencia ética de que el analista haya tenido su propia experiencia analítica, condición indispensable para poder escuchar. Jacques Lacan, el freudiano, sigue haciendo hincapié en la ética del deseo, la caída del Otro y la centralidad del lenguaje como vía de acceso a las formaciones del inconsciente, entendiendo la escucha como lugar de producción de verdad, y no de adaptación. Pensando el silencio como un acto ético y, hoy en día, potencialmente subversivo ante la mercantilización del sufrimiento. En articulación con la poesía, el texto acerca la escucha psicoanalítica a la paciencia de esperar la palabra que aún no se conoce a sí misma.

Palabras clave:
Escucha psicoanalítica; Silencio; Ética del deseo.

Le silence qui écoute : l'éthique comme attente de l'indicible

Résumé

Cet article propose une réflexion éthique sur l'écoute psychanalytique, considérant le silence non pas comme une absence, mais comme une présence vivan-

te, un temps d'attente et une condition pour l'émergence de l'indicible. Dans un contexte actuel marqué par la saturation de la parole et la logique de l'efficacité, la clinique psychanalytique soutient la valeur de l' intervalle entre le dit et le dire, où la vérité du sujet peut émerger sans imposition. Sigmund Freud, père de la psychanalyse, a souligné dès le début de sa création l'exigence éthique selon laquelle l'analyste doit avoir suivi sa propre analyse, condition indispensable pour pouvoir écouter. Jacques Lacan, le freudien, continue à mettre l'accent sur l'éthique du désir, la chute de l'Autre et la centralité du langage comme voie d'accès aux formations de l'inconscient, comprenant l'écoute comme lieu de production de vérité, et non d'adaptation. En considérant le silence comme un acte éthique et, aujourd'hui, potentiellement subversif face à la marchandisation de la souffrance. En articulation avec la poésie, le texte rapproche l'écoute psychanalytique de la patience d'attendre la parole qui ne se connaît pas encore.

Mots-clés :

Écoute psychanalytique ; Silence ; Éthique du désir.

Introdução

Diferente das demais perspectivas em torno das definições sobre a ética em sociedade — em que o que mais importa "é a organização da convivência em prol do bem comum do grupo" (Demo, 2005, p. 35) —, sustentar a ética pela ótica psicanalítica, na formação contínua ou na prática, é reconhecer justamente o oposto: o que não coletiviza. Dialogar sobre a ética em psicanálise é validar a potência de uma escuta. É tomar o silêncio não como ausência, mas como presença viva — tempo de espera e ato que sustenta o indizível. É não se dobrar à lógica produtivista do mercado, sustentando o silêncio como gesto operador de desejo, abrindo espaço para o que na palavra ainda não nasceu.

Em tempos saturados de verborreias, a escuta psicanalítica insiste na delicadeza do que ainda não pôde se dizer. Naquilo que o tempo de cada um ainda não foi capaz de equacionar, nos sussurros fantasmagóricos que fazem a pele arrepiar e a vida questionar seu valor diante da morte. Ouvir não é uma coisa qualquer, é coragem revestida de escolha decidida e isso só se torna possível quando aquele que se põe a escutar, outrora também já foi ouvido. Freud (1926/2014), em suas primeiras elaborações, já apontava a necessidade de o analista ser, antes, um analisante — aquele que atravessou seus próprios abismos, experimentando em si os efeitos de uma psicanálise. Ele sabia da relevância e da complexidade desse trabalho, sabia que o ensino de uma teoria não seria capaz de preparar os ouvidos de um pretendente analista.

No ressoar desse legado, Lacan (1959-1960/1997) sustenta que a função analítica se enraíza na ética do desejo e na queda do Outro. É preciso deixar cair o ideal. Deparar-se com a falta no Outro — lugar simbólico, morada dos significantes, formalizado em sua teoria pelo matema S(A) — é abrir espaço para alteridade. É entender que a falta é inerente e engrena o desejo. Aceitar o lugar de analista a cada convite que chega é autorizar-se a acolher saberes outros, é saber dialogar com riscos e não garantias, é ser capaz de sustentar seu lugar de coadjuvante, recusando-se a reproduzir as importâncias narcísicas tão alimentadas nos discursos que enaltecem os sabedores de respostas. É ofertar silêncio para que aquele que precisa se dizer não seja silenciado.

A clínica psicanalítica e o silêncio como evocação da verdade

Em seu ensino, Lacan confere à linguagem centralidade para estudar as formações do inconsciente, considerando que seus efeitos são inseparáveis à verdade (Lacan, 1970/1992). Qual verdade? Aquela que não pode ser dita diretamente, que tem mais de um rosto e que se situa com um ponto de interrogação (Lacan, 1970/1992). Portanto a psicanálise sublinha a escuta como produção de verdade e não de adaptação. Desse modo, o autor (Lacan, 1953/1998, p. 301) afirma que "(…) a função da linguagem não é informar, mas evocar", já que o sujeito busca na fala a resposta do outro. Compreender a diferença entre responder ou suscitar questões é o divisor de águas que marca a discrepância dos lugares de quem decide terapeutizar ou promover o recontar de uma história, tomando o silêncio de si mesmo como ferramenta fundamental nesse trabalho.

A clínica se faz, assim, no intervalo entre o dito e o dizer. Como afirma Izcovich (2018), um tempo ético em que tudo tem que recomeçar sempre de novo, onde nada se deposita definitivamente, mas pulsa no instante. É preciso silêncio para ouvir esse pulsar — uma oferta de espaço que não se confunde com mudez, considerando que silenciar não traz em si obviedade; como ato, atravessa os tempos e se transmuta em significações, seja no laço social ou na singularidade de cada ser. Corbin (2016/2021), historiador francês, lembra que o silêncio jamais foi o mesmo — já foi castigo, luxo, resistência. Hoje, talvez, seja subversão, sobretudo junto à psicanálise. Contra a lógica do mercado, que transforma sofrimento em produto, o silêncio do analista recusa-se à eficácia utilitarista. É presença atravessada pela falta, pelo desejo que o constitui.

De braços dados com o humano, com o que há de mais excêntrico de um resultar civilizatório, a psicanálise acolhe o que escapa aos sistemas elementares que moldam os códigos morais e sociais. Valoriza — ancorada aqui na significação do verbo valorizar e não valorar — o que transita entre margens e profundezas. O que denuncia. Escancara. É preciso "dar ouvidos ao não-dito que jaz nos furos do discurso, mas isso não é para ser ouvido como pancadas desferidas atrás do muro" (Lacan, 1953/1998, p. 308). A transferência, manejada pacientemente, abre caminhos para uma história partilhada. E, na aposta de que o analista suposta-

mente sabe, algo se evidencia e surpreende: o que não podia ser visto ou ouvido, passa fazer parte dos atravessamentos nomeados em um trabalho de análise.

Ainda que reconheça os véus necessários ao falasser em meio aos laços coletivos, o analista busca o que está por trás. É ao Outro, "para-além" do outro, que o analista dá lugar, "e, se ele se cala, é para lhe dar a palavra" (Lacan, 1957/1998, p. 440). Daí a proximidade com a arte: pintura, escultura, encenação ou escrita, onde a estranheza se inscreve e ressoa além dos limites estatutários do ser. Capaz de levar ao "rigor as consequências de um mal-entendido" (Lacan, 1953/1998, p. 248). Nesse abraço, a escuta compartilha com a poesia a paciência de aguardar a palavra que ainda não sabe de si. Como lembra Mario Quintana (1980/2013, n.p.): "Há um grande silêncio que está sempre à escuta (…) E, por todo o sempre, enquanto a gente fala, fala, fala o silêncio escuta…" O analista é, então, como uma folha em branco, ofertado ao sujeito para que este se escreva e deixe inscrever algo do real.

Tomar o silêncio como ato ético, é reconhecer a necessidade da recusa sobre a vaidade do saber, que no transitar da práxis psicanalítica se funda na aposta de que ali, junto aos arranjos da linguagem, algo se dirá — não por comando, mas por emergência. Autorizar-se analista, sustentando a ética da psicanálise, é não ceder de seu próprio desejo, já dizia a máxima lacaniana (Lacan, 1959-1960/2008). É poder chegar ao fim de uma análise sabedor de sua condição de Um, daquele que se faz sozinho — ainda que amparado pelos laços que decoram a imensidão de si mesmo. É a consolidação do narcisismo do desejo, e não da imagem (Soler, 2021, p. 70). Manoel Antônio de Castro (2011), com sua escrita tão sensível, afirma que é o silêncio que acolhe o sentido e conduz a fala ao seu agir essencial.

Escutar, assim, é ofertar espera, onde o desejo pode insinuar-se, atravessar a linguagem e emergir. Silêncio que não é passividade, mas presença: o analista entrega seu corpo à transferência — atento ao tempo de cada sujeito. Um corpo que deseja, e por desejar, sabe esperar. Afinal, "(…) a presença do analista é ela própria uma manifestação do inconsciente" (Lacan, 1964/2008, p. 125).

Sustentar essa escuta exige mais do que conhecimento ou formação técnica: exige implicação com o próprio desejo — algo que não se compra, não se vende, não se adquire em dois anos ou seis meses. Não se trata de certificação ou promessa de eficácia. É preciso reconhecer de forma crítica a discrepância das propostas. Sabendo que o discurso capitalista nada tem de ingênuo. Ele repercute nos modos de vida — e nos adoecimentos — de cada época. Como afirmou Lacan (1948/1998, p. 49): "As incidências de uma estrutura de mercado não são irrelevantes no campo da verdade, mas são escabrosas nele."

A lógica de troca, consumo e valor atua sobre esse campo: interfere, tem efeitos. A psicanálise não ignora esse fato. Está advertida sobre os modos com que o capitalismo contorna as relações, sobretudo entre sujeito, saber e desejo. O que

na atualidade se manifesta na medicalização do sofrimento, na patologização da diferença, na busca por terapias como "produtos". Para Lacan, tais interferências não apenas existem, mas são violentas quando se infiltram no campo da verdade — lugar onde se inscreve a ética da psicanálise.

Quando a lógica do mercado invade o espaço da verdade, deturpa: transforma a escuta em produto, o sujeito em cliente, o sofrimento em mercadoria. A verdade que interessa à psicanálise relaciona-se com o real, aquela que aponta nas vias do dizer, que emerge por trás dos ditos (Lacan, 1973/2003). Não é tarefa simples ou equivalente à vontade de comer um bolo no meio da madrugada, é causa. É ser causado. Portanto, ocupar o lugar de analista é atuar na função de semblante de objeto *a*, causa de desejo. Suportar esse lugar.

Sentar-se diante do insabido que se insinua nos recortes, nos detalhes, nas minuciosidades preciosas de uma "besteira" infantil soterrada pela culpa e revisitada freneticamente pelo trabalho das insaciáveis pulsões, requer coragem. Pois, de acordo com Lacan em seu *Seminário 7*, sobre a ética da psicanálise, é em torno de *das Ding* que "(…) se orienta todo o encadeamento do sujeito" (Lacan, 1959-1960/2008, p. 69). Seus ouvidos não estão entregues ao acaso, mas permanecem atentos aos tropeços da língua, à transferência, ao deslizamento dos significantes, até que algo do desejo possa se inscrever junto a um analista, que outrora já teve seu desejo ecoado no silêncio de alguém.

Conclusão

Não se profissionaliza a capacidade de silenciar vaidades, tão pouco se doutrina pulsões ou se treina o desejo que leva um sujeito a ocupar o lugar de analista. É o trabalho de um analisante implicado em sua travessia que possibilita um não recuar de si mesmo, fazendo do tempo da análise solo fértil para o nascimento de palavras, aproximando-se da verdade e distanciando-se da paixão pela ignorância.

Um tempo outro, não dimensionado pelos ponteiros do relógio ou pelos dias de um calendário. Temporalidade que é espera. O analista aposta nos redirecionamentos de rotas. Ele investe seu desejo na descoberta, acreditando que pela via da linguagem o sujeito criará uma saída para que aquilo que está encrostado no corpo ganhe nome, e, para que o destino, que como afirma Colette Soler (2020), é sempre funesto, não seja seu ponto de parada.

É no campo ético, onde o desejo insiste mesmo entre ruínas, que se localiza a singularidade da escuta psicanalítica. Não se trata de uma mera técnica, mas de presença. O silêncio aqui entra como parte que acolhe, que convoca. Chamar alguém ao trabalho analítico é tarefa para um inconsciente que faz do silêncio de seus ruídos, sala de (mal) estar para que outros barulhos possam se haver com as palavras.

Referências bibliográficas

Castro, M. (2011). *Arte: o humano e o destino*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Corbin, A. (2021). *História do silêncio: do Renascimento aos nossos dias*. São Paulo: Unesp. (Trabalho original publicado em 2016)

Demo, P. (2005). *Éticas multiculturais: sobre convivência humana possível*. Petrópolis: Vozes.

Freud, S. (2014). A questão da análise leiga. In S. Freud. *Escritos sobre a técnica psicanalítica*. *Obras completas* (Vol. 12). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)

Izcovich, L. (2018). *As marcas de uma psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra Capa.

Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1969-1970)

Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Lacan, J. (1998). A agressividade em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1948)

Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)

Lacan, J. (1998). A psicanálise e seu ensino. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)

Lacan, J. (2003). O aturdito. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)

Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958-1959)

Quintana, M. (2013). *Esconderijos do tempo*. Porto Alegre: Globo. (Trabalho original publicado em 1980)

Soler, C. (2020). *Seminários Colette Soler: homens e mulheres*. São Paulo: Aller.

Soler, C. (2021). *Seminários Colette Soler*: *um outro narciso*. São Paulo: Aller.

Recebido: 23/02/2026

Aprovado: 01/08/2026